

Turismo e Impactos da Covid-19: perspectiva dos turistas que frequentam Unidades de Conservação no Paraná (Brasil)

Tourism and Impacts of COVID-19: Perspectives of Tourists Visiting Conservation Units in Paraná (Brazil)

Turismo e impactos de la COVID-19: Perspectiva de los turistas que visitan áreas protegidas en Paraná (Brasil)

Wellyngton Fernando Leonel de Souza¹

Resumo: Este trabalho é uma tradução do artigo *Tourism and Impacts of COVID-19: Perspectives of Tourists Visiting Conservation Units in Paraná (Brazil)*. O artigo de Souza, Filippim, Neves e Chemin foi publicado na *Applied Tourism* (v. 8, n. 3, p. 11-25, 2023). O estudo objetiva compreender os efeitos da pandemia na perspectiva dos turistas que frequentam Unidades de Conservação no Estado do Paraná.

Palavras-chave: Turismo de Natureza; Crise Sanitária; Saúde; Pandemia; Valorização da Vida.

Abstract: This paper is a translation of the article *Tourism and Impacts of COVID-19: Perspectives of Tourists Visiting Conservation Units in Paraná (Brazil)*. The article by Souza, Filippim, Neves, and Chemin was published in *Applied Tourism* (v. 8, n. 3, p. 11-25, 2023). The study aims to understand the effects of the pandemic from the perspective of tourists visiting conservation units in the State of Paraná.

Key-words: Nature Tourism; Health Crisis; Health; Pandemic; Valuing Life.

Resumen: Este trabajo es una traducción del artículo *Tourism and Impacts of COVID-19: Perspectives of Tourists Visiting Conservation Units in Paraná (Brazil)*. El artículo de Souza, Filippim, Neves y Chemin fue publicado en *Applied Tourism* (v. 8, n. 3, p. 11-25, 2023). El estudio tiene como objetivo comprender los efectos de la pandemia desde la perspectiva de los turistas que frecuentan unidades de conservación en el Estado de Paraná.

Palabras-llave: Turismo de Naturaleza; Crisis Sanitaria; Salud; Pandemia; Valoración de la Vida.

1 Introdução

A pandemia causada pelo vírus SARS-CoV-2 provocou impactos significativos no setor do turismo. No início da crise sanitária, estimaram-se perdas bilionárias para o setor, além do risco de desemprego para milhões de profissionais (UNWTO, 2020a; 2020b; Grisi; Santana, 2023). Entre as diversas atividades afetadas, destacaram-se o fechamento de aeroportos, a suspensão do recebimento de hóspedes em hotéis e o adiamento ou cancelamento de eventos (Coelho; Mayer, 2020; Corbari; Grimm, 2020; Neves *et al.*, 2021; Grisi; Santana, 2023).

¹ Turismólogo e Mestre em Turismo pela Universidade Federal do Paraná. Mestre em Ciência, Tecnologia e Sociedade pelo Instituto Federal do Paraná. Doutorando em Geografia, bolsista CAPES/DS pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Email: wellyngtonfernando@yahoo.com.br / ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9579-5667>

O isolamento social, imposto por diversos países como estratégia para conter a propagação do vírus, teve impactos diretos no turismo. Sendo uma atividade responsável por aproximadamente 10% do emprego mundial (UNWTO, 2020a; Grisi; Santana, 2023), o turismo também contribuiu para a disseminação de doenças (Bahl, 2004). Nesse contexto, a redução do contato interpessoal mostrou-se essencial para evitar contaminações em larga escala e o consequente colapso dos sistemas de saúde.

Segundo o Ministério do Turismo do Brasil (Brasil, 2021), a vacinação em massa da população mundial foi apontada como a principal solução para mitigar os efeitos da pandemia. Com o fim oficial da crise sanitária, anunciado em maio de 2023 (Pan American Health Organization, 2023; World Health Organization, 2023), emergiu a necessidade de priorizar a recuperação econômica do setor turístico. Nesse sentido, recomendou-se o fortalecimento do potencial turístico por meio do aproveitamento de patrimônios naturais, especialmente aqueles protegidos sob a forma de Unidades de Conservação - UCs (Brasil, 2021).

Sob essa ótica, Soares, Gabriel e Romo (2020) argumentam que a busca por espaços abertos, naturais e culturais ganhou relevância no imaginário dos turistas, considerando os benefícios proporcionados por essas áreas para a elevação, transformação e restauração individual (Bhalla, Chowdhary; Ranjan, 2021; Cooper e Buckley, 2021). Silva-Melo, Melo e Guedes (2020) reforçam essa perspectiva, ao indicarem que as UCs promovem uma reconexão com a natureza no período pós-pandemia, satisfazendo o desejo cultural e natural de estar em ambientes ao ar livre, os quais são reconhecidos por proporcionar bem-estar e aliviar os efeitos do estresse e da ansiedade exacerbados pela Covid-19.

Moreira (2021) aborda esse desejo de visitação, ressaltando que os espaços naturais, para além de preservar e conservar a biodiversidade, podem contribuir positivamente para a saúde mental da sociedade, sobretudo em períodos de crises sanitárias. Durante a pandemia, muitas pessoas enfrentaram desafios significativos relacionados ao bem-estar, buscando estratégias para lidar com o isolamento social. Nesse contexto, as emoções e os sentimentos revelam-se elementos cruciais da experiência humana, pois influenciam as relações e os comportamentos sociais em distintos momentos e contextos (Furlanetto, 2014).

Assim, a presente pesquisa tem como objetivo compreender os efeitos da pandemia sob a perspectiva dos turistas que frequentam UCs no estado do Paraná. O interesse investigativo parte do pressuposto de que a pandemia de Covid-19 constituiu uma experiência inesperada e

desafiadora, evidenciando questões sociais preexistentes que afetaram, de forma desigual, distintos grupos sociais (Silva; Marcílio, 2020). Tal disparidade é atribuída a fatores como a continuidade de determinadas atividades profissionais, o cumprimento variável das medidas restritivas, incluindo o isolamento social, bem como os impactos heterogêneos no emprego, na renda e na saúde.

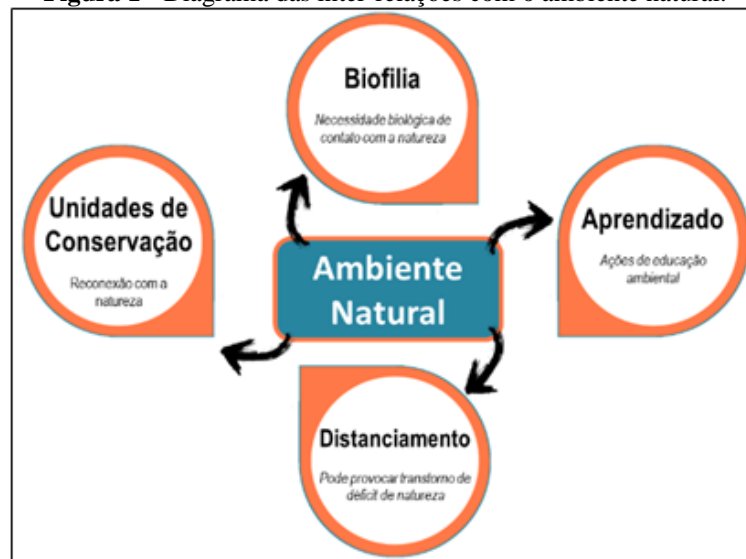
2 Desenvolvimento

2.1 Revisão da Literatura

Os ambientes naturais são amplamente reconhecidos por sua capacidade de atrair visualmente os turistas e estimular seu imaginário. Segundo Vernalha e Neiman (2010, p. 280), o “apelo imagético que tanto atrai o visitante reflete a ideia de ‘paraíso’ que a natureza representa, um lugar perfeito, edênico e distante de sua realidade”.

Esse desejo de frequentar e experienciar ambientes naturais transcende a simples admiração pelas belezas cênicas, envolvendo características biológicas e culturais que impulsionam essa busca. Silva-Melo, Melo e Guedes (2020) sistematizam, por meio de uma análise ilustrada na Figura 1, os fatores que relacionam o indivíduo, enquanto turista, aos ambientes naturais que visita.

Figura 1 - Diagrama das inter-relações com o ambiente natural.



Fonte: Adaptado de Silva-Melo, Melo e Guedes (2020).

O conceito de "Transtorno de Déficit de Natureza", desenvolvido por Louv (2016b), está relacionado às consequências negativas para a saúde humana decorrentes da insuficiência de

contato com ambientes naturais, particularmente entre habitantes de centros urbanos. O autor argumenta que o distanciamento da natureza pode acarretar efeitos físicos, mentais e emocionais prejudiciais.

As UCs desempenham um papel fundamental na conservação e preservação de ecossistemas, além de proporcionarem oportunidades para o contato humano com o meio ambiente natural. Nesse contexto, essas áreas constituem recursos territoriais essenciais para mitigar os efeitos do transtorno de déficit de natureza, promovendo aprendizado e conscientização ambiental entre os visitantes sobre a importância de práticas sustentáveis, tanto individuais quanto coletivas.

Durante o período de isolamento social, quando o contato físico entre pessoas foi reduzido, alternativas como atendimento médico e psicológico, bem como o entretenimento por meio de séries, filmes e músicas, foram amplamente recomendadas, refletindo uma valorização cultural e artística. Entretanto, os ambientes naturais destacam-se como espaços que proporcionam benefícios únicos para a saúde física e mental (Silva-Melo, Melo e Guedes, 2020).

Hinds e Sparks (2008) apontam que a conexão afetiva é um preditor independente e significativo das intenções de envolvimento com o ambiente natural. De acordo com Brügger, Kaiser e Roczen (2011), essa conexão é frequentemente derivada de experiências anteriores e de respostas emocionais a apreciações da natureza desenvolvidas em atividades realizadas nesses ambientes. Assim, valores cultivados desde a infância podem gerar vínculos profundos entre turistas e a natureza, estimulando o apreço pela fauna, flora e belezas cênicas.

Keniger et al. (2013) identificaram três tipologias de interação com a natureza: (i) indireta, na qual se experimenta a natureza sem estar fisicamente presente; (ii) incidental, quando o contato com a natureza ocorre como subproduto de outra atividade; e (iii) intencional, caracterizada pela interação direta e proposital com o ambiente natural.

Moghadam, Singh e Yahya (2015) observam que, ao longo de séculos, o ser humano dependeu intrinsecamente da natureza, mas a industrialização e urbanização resultaram em um distanciamento significativo dessa relação. Para os autores, jornadas de trabalho mais flexíveis e reduzidas podem promover uma reconciliação entre o homem e a natureza, contribuindo para o bem-estar psicológico em tempos de degradação humana.

Louv (2016b, 2016a, 2011) defende que o contato com ambientes naturais atua como um "tratamento sem contraindicações", sugerindo a "Vitamina N de Natureza" como uma solução completa para reconectar-se com o poder e a alegria do mundo natural. Richardson e Sheffield

(2017) destacam a valorização da natureza cotidiana como um passo inicial para essa conexão. A metodologia proposta pelos autores enfatiza que o homem urbano é capaz de identificar pelo menos três aspectos positivos da natureza ao seu redor que podem melhorar seu bem-estar, bastando dedicar tempo à observação da biodiversidade.

Estudos de Curtin (2009) sobre turistas em busca de vida selvagem na Espanha e nos Estados Unidos revelaram que, ao contemplar a natureza intocada, os visitantes experimentavam sentimentos de admiração, criando experiências emocionais marcadas pela efemeridade do momento. Essas vivências sugerem que a observação da vida selvagem pode promover bem-estar profundo e realização espiritual.

Silva-Melo, Melo e Guedes (2020) corroboram que o contato com a natureza é eficaz para atenuar diversos males exacerbados nos últimos anos. Becker et al. (2019) destacam como principais problemas: (i) o distanciamento da natureza; (ii) a redução de áreas naturais; (iii) a poluição ambiental; e (iv) a falta de segurança e qualidade dos espaços públicos ao ar livre, fatores que levam indivíduos de todas as idades a permanecerem em ambientes fechados e isolados.

Nesse sentido, a literatura reforça os benefícios da relação entre o homem e a natureza, relação essa facilmente aplicável à interação entre turistas e atrativos naturais. As UCs oferecem bem-estar ao mesmo tempo que possibilitam uma fuga do cotidiano, integrando a atividade turística à promoção de saúde e qualidade de vida. A Figura 02 sintetiza os benefícios associados às visitas às UCs.

Figura 2 - Benefícios da visitação em UCs.

Psicológico Melhora da autoestima e autoconfiança Melhora do senso de humor Redução das frustrações cotidianas Diminuição da ansiedade Melhora do comportamento Propicia a sensação de felicidade Desenvolve a criatividade	Fisiológico Redução dos níveis de estresse Evita o sedentarismo Pressão arterial reduzida Níveis reduzidos de cortisol Reduz dores de cabeça Taxas de mortalidade reduzidas por doenças circulatórias Recuperação de vício Saúde/bem-estar percebido Redução de doenças cardiovasculares, respiratórias e doenças de longo prazo Redução da ocorrência de doenças	Espiritual Inspiração aumentada Reforço da fé Desperta serenidade e gratidão Aumento do bem-estar espiritual
Cognitivo Despende atenção a determinados fatos Auxilia na resolução de problemas Melhor capacidade de executar tarefas Reduz o cansaço mental Melhora desempenho acadêmico e profissional Propicia meios de aprendizagem Desenvolve o cognitivo em crianças Aumento da produtividade laboral	Social Interação social facilitada Permite o empoderamento social Reduz taxas de criminalidade e violência Permite interação étnica, social, gênero e etária Coesão social Apoio a causas sociais	Tangível Fornecimento de alimentos Giro de capital Empreendedorismo
		Ecológico Estimula ações sustentáveis Integração com a biodiversidade Fornece vitamina N de natureza Desintoxicação urbana e digital Desperta identidade afetiva Estimula valores ecológicos Conhecimento de fauna e flora Ameniza transtornos de déficit de natureza

Fonte: Os autores (2023).

O turismo em áreas naturais, além de gerar renda e emprego para as comunidades locais, incentivar a conservação da biodiversidade e promover a educação ambiental dos visitantes, exige uma abordagem que considere os benefícios para todos os envolvidos. Para que a atividade turística seja vantajosa não apenas para os turistas, mas também para as UCs e seus entornos, torna-se imprescindível um planejamento cuidadoso e um monitoramento contínuo. Essas ações são essenciais para minimizar impactos negativos e assegurar que os recursos naturais sejam utilizados de maneira responsável e equilibrada.

2.2 Metodologia

Esta pesquisa é classificada como um estudo exploratório e descritivo, cujo objetivo foi levantar e analisar dados e informações pertinentes ao campo de estudo delimitado (Severino, 2017; Veal, 2011). A abordagem metodológica adotada é mista, integrando métodos qualitativos e quantitativos, de modo a atender às especificidades do objeto de pesquisa e proporcionar uma análise abrangente (Flick, 2013; Veal, 2011).

O delineamento metodológico baseou-se na utilização de websurvey e na pesquisa documental. O websurvey foi empregado para a obtenção de dados primários, utilizando um instrumento disponibilizado online aos respondentes. Essa metodologia facilita o preenchimento autônomo e o envio imediato das respostas ao pesquisador, além de agilizar a tabulação dos dados (Joncew, Cendon e Ameno, 2014; Medaglia e Silveira, 2010).

A pesquisa documental, por sua vez, forneceu dados e informações secundárias. Foram analisadas notícias publicadas entre 2020 e 2021 relacionadas ao fechamento e à reabertura de UCs. Para dados referentes à gestão estadual das UCs, consultou-se o site do Instituto Água e Terra (IAT), autarquia vinculada, à época, à Secretaria do Desenvolvimento Sustentável e do Turismo do Paraná. Para as UCs federais, o site do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) foi a principal fonte de consulta.

O formulário digital foi aplicado por meio da plataforma Google Forms, com divulgação realizada em redes de contato via e-mail, Facebook e Instagram. A estratégia incluiu grupos específicos, compostos por frequentadores potenciais de UCs no Paraná. A estrutura do websurvey contou com seis seções, totalizando 40 questões, sendo estas de múltipla escolha, objetivas ou abertas, e oferecendo espaços para contribuições qualitativas dos respondentes.

Entre as limitações da pesquisa, destacam-se fatores que podem comprometer a validade e a generalização dos resultados. Dentre eles, ressalta-se um possível viés de seleção decorrente do

método de amostragem aleatória por conveniência, uma vez que a pesquisa foi divulgada em redes sociais e e-mails. Tal estratégia pode restringir a representatividade da amostra, atraindo predominantemente participantes com perfis específicos e possivelmente excluindo outras perspectivas relevantes.

A coleta de dados por meio do websurvey ocorreu entre os dias 5 e 25 de outubro de 2021, abrangendo turistas visitantes de UCs localizadas no Paraná, residentes no estado ou provenientes de outras regiões. Para o tratamento dos dados, foi utilizado o software Microsoft Excel 2021, empregado na elaboração de tabelas, quadros e gráficos. Adicionalmente, o software Wordle foi utilizado para gerar uma nuvem de palavras.

Essa pesquisa contribui para o avanço do conhecimento ao explorar tendências e padrões por meio de uma abordagem mista, complementada pelo uso eficiente de ferramentas digitais, como o websurvey. Contudo, limitações como o viés de seleção apontam a necessidade de refinamentos em estudos futuros. Esses ajustes poderiam ampliar a representatividade da amostra e possibilitar uma análise ainda mais robusta.

2.3 Resultados e Discussões

2.3.1 Pesquisa documental

De acordo com o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio, 2021), as UCs federais em todo o território brasileiro registraram, em 2020, mais de 8 milhões de visitas. Desse total, 750 mil ocorreram no estado do Paraná. Esses números abrangem apenas oito das doze UCs federais que permitem a visitação, ainda que sob determinados controles. Entre essas unidades, o Parque Nacional do Iguaçu destaca-se como o mais visitado no Paraná, sendo reconhecido pelo rigoroso controle de ingressantes.

Durante a pandemia de COVID-19 em 2020, as UCs federais consolidaram-se como opções seguras de lazer. Após a reabertura gradual dos parques nacionais, iniciada em meados de junho daquele ano, o número de visitas apresentou um crescimento constante até o final do ano. Esse comportamento destoou dos anos anteriores, marcados por oscilações sazonais no fluxo de visitantes (Ministério do Turismo do Brasil, 2021b; ICMBio, 2021). Tal aumento reflete o interesse crescente e a demanda dos turistas por espaços naturais que oferecem lazer, cultura e educação ambiental.

Conforme relatado pelo ICMBio (2021), desde 2016 o número de visitas aos parques

nacionais vinha apresentando crescimento contínuo. Contudo, o primeiro trimestre de 2020 registrou uma queda gradual no número de visitantes, agravada pelo fechamento das UCs em abril, devido às medidas restritivas impostas pela pandemia. A reabertura dos parques teve início em junho de 2020, de forma gradual, e seguiu protocolos sanitários rigorosos, além de legislações da União, dos estados e dos municípios.

Essas decisões foram baseadas em critérios regionais, considerando a ocorrência de picos distintos de contágio em diferentes localidades e seguindo orientações das autoridades executivas locais e estaduais. O Quadro 01 apresenta uma síntese em forma de linha do tempo, detalhando o funcionamento das UCs no período entre 2020 e 2021.

Quadro 1 - Síntese das ações de gestão estaduais (IAT) e federais (ICMBio) das UCs durante a pandemia.

Publicação da notícia	Gestão do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio)
26/02/2020	A visitação em UCs vem crescendo a cada ano no Brasil e, atualmente, supera os 12,5 milhões registrados em 2018, gerando importantes contribuições para o desenvolvimento socioeconômico regional e nacional.
17/03/2020 e 18/03/2020	O presidente do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), Homero Cerqueira, determinou, através de Portaria a suspensão da visitação pública nas UCs Federais por tempo indeterminado.
25/03/2020	Parques podem ser acessados de forma on-line. Uma parceria entre o ICMBio e o Google StreetView disponibiliza várias fotos em 360°, possibilitando uma visitação on-line.
09/06/2020	ICMBio - publicou no Diário Oficial portaria estabelecendo a abertura dos Parques Nacionais do Iguaçu (Paraná), Aparados da Serra e da Serra Geral (ambos no RS). As unidades foram reabertas de forma gradual, conforme as regras de cada estado e município, com planejamento e obedecendo todas as orientações de segurança para evitar a proliferação do Covid-19 (foram estabelecidas regras de segurança para evitar aglomerações, além da disponibilização de álcool gel ou de produtos de higienização para mãos e o uso obrigatório de máscara de proteção facial). O número de visitantes das UCs foi reduzido até o limite de 40% de sua capacidade de público, de forma que a visitação possa ocorrer respeitando o espaçamento mínimo de 2 metros entre as pessoas (priorizou-se a venda de ingressos on-line, serviços ou agendamentos, para evitar filas, e marcação no piso com distanciamento de 2 metros, a partir do balcão e entre os clientes).
18/06/2020	Mais UCs reabertas. De forma gradual, todas as UCs federais reabertas seguindo orientações específicas na publicação do dia 09/06/2020.
01/07/2020	Comunicação sobre o fechamento temporário das UCs, no Paraná, como medida restritiva regionalizadas para o enfrentamento do Covid-19.
26/08/2020 atualizado em 23/10/2020	Reabertura de maneira gradual e monitorada, obedecendo todos os critérios de segurança sanitária estabelecidos por cada estado e município onde está situada a UC. O ICMBio informou semanalmente, por meio de seus canais de comunicação, quais UCs seriam reabertas e sob quais condições.
16/09/2021	Ferramenta on-line permite acessar uma base única a várias UCs e outros serviços do ICMBio.
Publicação da notícia	Gestão do Instituto Água e Terra (IAT), autarquia ligada à Secretaria do Desenvolvimento Sustentável
17/03/2020	UCs ficarem fechadas para conter coronavírus, compreendendo que mesmo sendo locais abertos, os parques têm equipamentos de uso coletivo que poderiam facilitar a propagação do vírus.

18/03/2020	Todas as UCs, que tinham controle de visitação, ficaram fechadas por tempo indeterminado (os trabalhos publicitários de imprensa e pesquisas científicas teriam que ter agendamento prévio).
07/04/2020	Reforço de que os parques estaduais continuavam fechados para visitação pública. O IAT, orienta a população para que não visite UCs nesse período de prevenção do novo coronavírus.
11/08/2020	18 Unidades de Conservação Estaduais podiam ser reabertas no dia 15, mas com capacidade reduzida, uso obrigatório de máscara, álcool gel e medição de temperatura, estando proibidos acampamentos e fogueiras.
02/09/2020	Parque Vila Velha reabre com novas atrações para os visitantes, com capacidade de público limitada a 50%, além de outras medidas de prevenção ao coronavírus.
28/12/2020	Resolução estabelece regras para visitação na Ilha do Mel como medida de prevenção à transmissão do coronavírus.
08/01/2021	Reabertura dos parques Serra da Baitaca, Pico Paraná e Pico do Marumbi, entretanto, com redução da capacidade, sendo obrigatório cadastro, entrar pelas portarias oficiais, usar máscara e álcool em gel.
22/01/2021	IAT orienta população sobre entrada nos parques estaduais com medidas restritivas impostas nas 21.
01/03/2021	Nota IAT - fechamentos dos Parques - medida restritiva em cumprimento ao Decreto Estadual nº 6.983/2021, para conter o avanço do contágio por Coronavírus.
09/03/2021	Parques reabrem com restrições - a entrada é permitida somente pelas portarias oficiais, com cadastro e uso de máscaras. A capacidade máxima de público foi reduzida em 50%.
19/03/2021	Fechamento nos fins de semana e horário reduzido durante a semana foram algumas medidas adotadas, conforme determinações dos governos estadual e municipais.
01/04/2021	Parques Estaduais mantiveram as restrições de funcionamento.
07/07/2021	Parques estaduais reabrem aos domingos e feriados. A capacidade máxima de visitação continua em 50%.
03/09/2021	Parques estaduais do Paraná ficam abertos durante feriado prolongado - nas terças-feiras, os Parques Estaduais normalmente fecham para manutenção, porém eles funcionaram normalmente para atender o anseio dos turistas que procuram lazer na natureza. As UCs continuam com restrições de público e obrigatoriedade de medidas sanitárias para prevenção da Covid-19.
08/10/2021	Autoriza reabertura de UCs que permaneciam com restrições

Fonte: os autores (2023) com base em consultas aos sites do ICMBio e IAT.

A pandemia de COVID-19 evidenciou as possibilidades, estratégias e capacidades de adaptação do ser humano para pensar, refletir e agir em resposta às necessidades impostas. Nesse contexto, o uso da tecnologia na gestão de UCs desempenhou um papel fundamental, permitindo que os turistas se mantivessem informados, explorassem as UCs de forma digital ou realizassem o agendamento de visitas. A tecnologia, portanto, revela-se como um potencial a ser ainda mais explorado na gestão e na interação com essas áreas naturais.

Neves, Souza e Carvalho (2020) destacam que o turismo em áreas naturais é uma via importante para o desenvolvimento sustentável. Quando associado a esse segmento turístico, o uso de tecnologias móveis emerge como uma ferramenta eficaz para motivar o público e enriquecer a experiência do visitante.

As ações detalhadas no Quadro 01 demonstram que a retomada da visitação às UCs foi mais célere em comparação a outros atrativos turísticos ou eventos, considerando a vantagem de

ocorrerem em áreas abertas. Essa característica facilitou a adoção de medidas preventivas, como o distanciamento social e a limitação do número de visitantes. Nesse sentido, Vilani, Pena e Simões (2020) apontam diretrizes básicas para o fortalecimento do ecoturismo no contexto pós-pandemia, tais como:

- a) garantir segurança sanitária nas UCs e em seus entornos;
- b) produzir e disseminar evidências científicas sobre iniciativas locais de ecoturismo, uso público e saneamento em UCs;
- c) contribuir para a elaboração de políticas públicas ambientais, sociais e de saneamento;
- d) fomentar o ecoturismo em parques urbanos;
- e) reduzir desigualdades sociais por meio do ecoturismo;
- f) estimular uma reflexão crítica sobre o potencial do ecoturismo como alternativa econômica para comunidades em situação de vulnerabilidade social e ambiental.

Nesse cenário, observa-se que as decisões de abertura e fechamento das UCs estaduais e federais no Paraná impactaram direta e indiretamente a visitação turística. A seguir, serão apresentados os resultados obtidos por meio da pesquisa realizada com a aplicação de formulários digitais.

2.3.2 Websurvey

A primeira seção do websurvey tinha como objetivo apresentar o estudo aos participantes. Ao concordarem com a participação, os respondentes autorizavam o uso de seus dados para análise anônima com fins exclusivamente acadêmicos.

Após a aceitação do termo de consentimento, os participantes eram direcionados à segunda seção, destinada à caracterização do perfil sociodemográfico dos 121 respondentes. Observou-se que o grupo etário mais expressivo correspondia à faixa entre 25 e 34 anos. Ampliando-se o intervalo para abranger a faixa entre 18 e 34 anos, chegou-se a um percentual de 76% dos participantes. Em relação ao gênero, 42% identificaram-se como homens, 56% como mulheres, e 2% optaram por não se enquadrar na lógica binária.

Quanto ao estado civil, 65% dos respondentes eram solteiros, seguidos por casados ou em união estável (30%) e divorciados ou viúvos (5%). No que diz respeito à escolaridade, 64% estavam cursando ou haviam concluído o ensino superior; 16% no ensino médio; 11% no mestrado; 8% no doutorado e 1% no ensino fundamental.

Em relação à ocupação, destacaram-se três grupos principais: estudantes, estagiários e/ou

bolsistas (21%); comerciários ou prestadores de serviços (17%); e servidores públicos (16%). Profissionais liberais, autônomos, empresários, aposentados e outras ocupações foram agrupados sob a rubrica “outros” (54%).

A análise da renda individual revelou possíveis vieses nos resultados, considerando que “estudantes, estagiários e/ou bolsistas” foram a ocupação mais frequente, geralmente associada a menores rendimentos. Assim, 5% não possuíam renda; 14% tinham renda de até R\$ 1.000,00; 24% entre R\$ 1.001,00 e R\$ 2.000,00; e 18% entre R\$ 2.001,00 e R\$ 3.000,00. No caso de estudantes de mestrado e doutorado, mencionou-se que, à época, as bolsas de incentivo variavam entre R\$ 1.500,00 e R\$ 2.200,00, dependendo da agência de fomento, o que os incluía nesses intervalos.

Os respondentes com renda entre R\$ 3.001,00 e R\$ 10.000,00 correspondiam a 23%, enquanto 6% declararam renda superior a R\$ 10.001,00. Outros 10% optaram por não informar seus rendimentos. Geograficamente, a maioria residia no Paraná (85%). Esses dados corroboram o perfil traçado pelo Ministério do Turismo e pela Associação Brasileira das Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura (MTUR e ABETA, 2010), que descrevem visitantes de áreas naturais como indivíduos de 18 a 39 anos, solteiros e com ensino superior em curso ou concluído.

A terceira seção do websurvey, intitulada com base em Almeida et al. (2020, pp. 2–3), abordou os impactos da pandemia de Covid-19, que trouxe "consequências na sociedade, com efeitos diretos no trabalho e rendimento das famílias e implicações na saúde física e mental dos indivíduos". Inicialmente, perguntou-se se algum familiar, amigo próximo ou colega de trabalho dos respondentes havia tido infecção grave ou falecido em decorrência da doença. Responderam afirmativamente 65% dos participantes, enquanto 35% não se enquadraram nessa situação. Essa alta taxa de exposição pode ter contribuído para maiores níveis de estresse e tristeza, mitigáveis por possíveis benefícios terapêuticos das visitas às UCs.

Sobre o isolamento social, 45% dos respondentes relataram medidas moderadas, como reduzir contatos e evitar idosos, mas mantendo afazeres essenciais; 50% aderiram a restrições mais rigorosas, deslocando-se apenas quando estritamente necessário; e 4% declararam não ter seguido as orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS). Estudos como os de Szwarcwald et al. (2020) indicam que grande parte da população brasileira aderiu a essas medidas, contribuindo para reduzir a disseminação do vírus.

Em relação ao impacto da pandemia nas ocupações, 31% continuaram trabalhando presencialmente, enquanto 30% migraram para o teletrabalho (home office). Outros enfrentaram

diferentes impactos, conforme estudo do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz, 2020), que aponta trabalhadores autônomos como os mais afetados, frequentemente dependentes de auxílios governamentais.

Questionados sobre atividades consideradas essenciais, como saúde, segurança, transporte e serviços básicos, 63% dos participantes não exerciam tais funções, enquanto 37% afirmaram atuar nesses setores, enfrentando maior exposição ao risco e, conseqüentemente, níveis mais elevados de estresse.

No que tange às mudanças na carga de trabalho, 23% relataram aumento significativo, sentindo-se sobrecarregados, enquanto 26% relataram um trabalho mais intenso, mas sem excesso. Já 20% trabalharam menos do que o habitual e 31% não notaram mudanças em relação ao período anterior à pandemia. Enumo et al. (2020) ressaltam que a pandemia atuou como um agente estressor, influenciando as necessidades psicológicas de competência, relacionamento e autonomia, o que pode ter gerado impactos emocionais e comportamentais frente às mudanças nas rotinas de trabalho.

Ao serem questionados sobre os impactos da pandemia na renda, 54% dos respondentes afirmaram que esta permaneceu inalterada. No entanto, para 26% houve redução nos proventos, e 7% relataram ter ficado sem qualquer fonte de renda. Por outro lado, 12% observaram um aumento nos rendimentos, e 2% relataram um crescimento considerável.

Conforme Vieira et al. (2021a, 2021b), a perda de renda durante a pandemia contribuiu significativamente para a redução do bem-estar individual. Os autores destacam que as maiores perdas de bem-estar foram observadas entre pessoas sem estabilidade empregatícia, com dependentes financeiros, com rendas mais baixas e sem reservas econômicas. Na perspectiva desses autores, essa situação constitui um problema de saúde pública, pois afeta o bem-estar geral, a felicidade, a satisfação, os relacionamentos sociais e a qualidade de vida, estando potencialmente associada ao aumento de ansiedade e depressão.

Quanto à alteração na quantidade e no tipo de trabalho doméstico, 42% dos respondentes indicaram que a demanda permaneceu inalterada, enquanto 52% relataram um aumento nos afazeres domésticos. Apenas 5% observaram uma redução dessas atividades. Uma possível explicação para esse aumento é que, no contexto do trabalho remoto (home office), muitos indivíduos tiveram de assumir a limpeza e manutenção do ambiente de trabalho, tarefas que, em contextos corporativos, geralmente são realizadas por equipes especializadas.

No que se refere à dificuldade em realizar atividades de rotina durante a pandemia, 37% dos participantes relataram um grau moderado de dificuldade, enquanto 33% apontaram elevada dificuldade. Aqueles que indicaram baixa (18%) ou nenhuma dificuldade (12%) representaram a minoria. A soma dos que relataram dificuldades altas ou muito altas é significativa, refletindo as especificidades de cada ambiente familiar. Esses contextos, únicos em suas demandas e rotinas, não foram aprofundados neste estudo, mas podem incluir uma ampla gama de desafios individuais.

Em relação às atividades laborais, 38% dos respondentes indicaram uma dificuldade moderada para realizar suas funções, enquanto 32% relataram grandes dificuldades. Por outro lado, 12% apontaram dificuldades baixas, e 17% afirmaram não ter enfrentado dificuldades. Almeida *et al.* (2020, p. 11) ao versar sobre as dificuldades neste período compreendem que:

A realização de atividades de trabalho também sofreu modificações; um quarto dos trabalhadores passou a desenvolver suas atividades de forma remota. Dessa maneira, o trabalho passou a ocupar e dividir espaço com as outras atividades de rotina e domésticas, e o tempo dedicado ao descanso nem sempre foi suficiente para a reabilitação física e mental.

Inquiridos sobre a saúde física e mental, de forma geral os respondentes classificam-nas como: 40% moderada, 50% boa ou excelente, enquanto 09% a classificam como ruim ou péssima. Aprofundando este questionamento, considerando apenas a saúde mental, 67% afirmaram mudanças negativas (piora) na esfera da saúde mental; 26% disseram não haver agravantes; mudanças positivas foram mencionadas por 07% participantes. Num contexto nacional, no que se refere à autoavaliação de saúde, Almeida *et al.* (2020, p. 11) citam que “fatores biológicos, como a presença de sintomas de Covid-19 e problemas no estado de ânimo, em conjunto ao contexto de perdas socioeconômicas, afetaram o estado de saúde da população brasileira”.

Quando questionados se a pandemia afetou a qualidade de sono, 47% não mencionam alteração e continuam dormindo bem; 25% relataram ter desenvolvido problemas para dormir; 14% continuaram a ter os mesmos problemas de sono; 12% afirmaram que já tinham problemas de sono e que por conta da pandemia se agravaram e; 2% perceberam diminuição dos problemas de sono. Em relação à frequência de sentirem-se isolados de familiares ou amigos próximos, 50% apontam ter sido muito frequente ou sempre; de forma moderada 30%; aqueles que raramente se sentiram isolados (14%) ou nunca (7%) são menos expressivos.

Relacionando a solidão com outros transtornos, procedeu-se a investigação acerca da depressão e ansiedade. 40% dos participantes sentiram-se deprimidos sempre ou com muita frequência; em alguns momentos 31%; enquanto 22% relatam que raramente sentiram-se

deprimidos, 7% completam a amostra comunicando que nunca expressaram tal sentimento. Já em relação à ansiedade, 48% disseram que o sentimento foi constante ou muito frequente, 28% apontam que a frequência foi moderada, 18% rara e 7% nunca se perceberam ansiosos. Almeida et al., (2020, p. 11) apontaram que no Brasil:

[...] foram observadas grandes proporções de indivíduos que se sentiram frequentemente isolados, tristes ou deprimidos e ansiosos ou nervosos, bem como de pessoas que relataram problemas no sono. Entre os que apresentaram diagnóstico prévio de depressão, esses efeitos tiveram maior intensidade. Tais resultados estão em consonância com achados de estudos internacionais que avaliaram a saúde mental dos indivíduos durante a pandemia.

Considerando as respostas anteriores, questionou-se aos participantes da pesquisa se considerariam que os ambientes naturais possuem um caráter terapêutico que contribui positivamente para a saúde física e principalmente mental. Assim, 71% concordaram totalmente com a ideia, 18% concordam em maior grau, percebem com indiferença 08% dos participantes, em contrapartida 03% discordam da ideia. Os resultados comprovam que a maioria compreende e atribui características terapêuticas e/ou regenerativo quando em visitação aos ambientes naturais. Para Moreira (2021), isso reflete que os espaços naturais são importantes para a saúde mental de toda a sociedade sobretudo num período de crise sanitária, evidenciando que as UCs desempenham um papel fundamental na (re)conexão da sociedade com a natureza. Não obstante, a pesquisa de Silva-Melo, Melo e Guedes (2021, p. 356) revelam que em:

virtude dos benefícios existentes nas Unidades de Conservação, constatou-se que essas áreas são significativamente importantes para o bem-estar humano e oportunas para reconexão das pessoas com a natureza, face à eventualidade da pandemia da COVID-19. Os diversos benefícios sinalizados pela literatura mundial, tendo como temática o contato com a natureza, notabilizam os efeitos restauradores das UCs como espaços possíveis de amenizarem os males causados pela ansiedade e do estresse relacionados à pandemia.

A quarta seção do websurvey procurou analisar as visitas às UCs do Paraná. A primeira questão investigava como o respondente classificaria o nível de interferência da Covid-19 em suas visitas às UCs, para 52% dos respondentes o nível de interferência foi relativamente alto ou muito alto, para 26% um grau intermediário, tendo 23% afirmado ter sido baixa ou nula. De acordo com Neves *et al.* (2021) mais de 60% dos turistas nacionais foram impactados e sofreram interferências em suas viagens programadas no início da pandemia, resultando principalmente no adiamento das viagens. Em que pese o fato da não realização das visitas programadas, entende-se que as medidas de isolamento social foram necessárias e foram cumpridas pela maioria dos respondentes de ambas as pesquisas.

O segundo questionamento, de múltiplas escolhas, inquiriu qual a esfera de gestão (federal, estadual, municipal e privada) das UCs visitadas, podendo apresentar que mais de 39% dos participantes optam ir à UCs estaduais administradas, conservadas e preservadas pelo IAT, seguidas das UCs municipais mantidas por prefeituras ou institutos municipais (33%); as UCs federais, sob gestão do ICMBio, são visitadas por 17% dos respondentes; já as unidades do tipo Reserva Particular do Patrimônio Natural – RPPN, foram menos sinalizadas (12%). Reafirma-se que todas as UCs possuem suas atratividades únicas e suas belezas cênicas exclusivas e cumprem seus papéis não somente de conservação e preservação, mas apresentando-se como:

alternativa concreta para fugir da rotina, da mesmice, do estresse. Seja na prática de atividades ou no ócio (ou na combinação dos dois) o contato com a natureza é uma excelente rota para voltar a ser criança, sentir-se livre e sem obrigações. É a possibilidade de dar sentido à vida, de se humanizar (MTUR e ABETA, 2010).

A média de visitação anual às UCs revela que os turistas frequentam esses locais entre três e cinco vezes por ano. Esse resultado é consistente com os dados de demanda apresentados pelo MTUR e pela ABETA (2010), que apontaram uma média nacional de cinco visitas anuais. Diversos fatores influenciam essa frequência, incluindo condições financeiras, companhia de viagem, disponibilidade e preferência por conhecer novos destinos.

O aspecto financeiro está diretamente relacionado aos custos de deslocamento, alimentação, hospedagem e ingressos para visitação. No que tange à companhia de viagem, decisões coletivas podem determinar a escolha do destino. A disponibilidade temporal também exerce influência significativa, uma vez que as visitas ocorrem predominantemente aos finais de semana, férias ou feriados prolongados. Adicionalmente, os planos de manejo das UCs frequentemente estabelecem limites diários de ingresso. Por fim, a preferência pelos destinos evidencia-se nos casos em que apenas uma visita anual é realizada, sugerindo que as UCs não constituem a única alternativa para turismo e lazer.

Quanto aos meios de transporte, destaca-se o modal rodoviário, responsável por 92% dos deslocamentos, sendo o automóvel o mais utilizado, seguido por ônibus, motocicletas, bicicletas e motorhomes. Modais aéreos (2%) e náuticos (6%) apresentam menor representatividade. Esses dados refletem, em parte, a proximidade entre a residência dos visitantes e as UCs, reduzindo a necessidade de viagens longas. Em determinadas regiões, como na Ilha do Mel, o acesso exclusivo por via marítima justifica o uso de embarcações menores.

Segundo o MTUR e a ABETA (2010, p. 47), o carro é o meio de transporte mais utilizado

pelos turistas de aventura e ecoturistas no Brasil (61%), seguido pelo avião e ônibus, empatados. A escolha pelo carro pode estar relacionada à maior acessibilidade financeira e à flexibilidade proporcionada, conforme apontado pelos mesmos autores: “as viagens de carro [...], além de mais acessíveis do ponto de vista financeiro, proporcionam a sensação de não se ter obrigação com horários” (p. 86).

A pesquisa também identificou que os turistas geralmente visitam as UCs acompanhados por amigos ou colegas (40%) e familiares (21%). Aqueles que combinam ambos os grupos somam 31%, enquanto apenas 7% optam por fazê-lo sozinhos. De acordo com o MTUR e a ABETA (2010), as companhias de viagem mudam ao longo do ciclo de vida: crianças viajam por decisão dos pais; jovens e adultos preferem viajar sozinhos ou com amigos; e casais geralmente viajam juntos.

No que diz respeito à hospedagem, 61% dos visitantes não pernoitam nas UCs ou cidades próximas, e 62% residem a menos de 100 km das áreas visitadas, reforçando o caráter excursionista dessas visitas. Dos que pernoitam, 15% preferem acampar, 18% optam por hotéis, pousadas ou casas alugadas, e 6% ficam na residência de amigos ou familiares. Destaca-se que 24% dos participantes residem a distâncias entre 101 e 500 km, e 12% estão a mais de 501 km. A curta distância entre residência e UCs contribui para a escolha de visitas de curta duração.

Nesse contexto, os deslocamentos de curta distância são reflexos do turismo contemporâneo, que teve um crescimento atrelado ao desenvolvimento industrial das cidades e ao consequente aumento da rotina laboral. Almeida (2019) ressalta que a necessidade de lazer, especialmente em ambientes naturais, intensifica-se nos fins de semana. Philippi Junior e Ruschmann (2010) destacam que o turismo atual é um grande consumidor de natureza, proporcionando um distanciamento das aglomerações urbanas e promovendo o equilíbrio psicofísico dos turistas (Machado, 2019, p. 14–15).

Quando questionados sobre a possibilidade de reconexão com a natureza nas UCs, apenas 1% dos respondentes discordaram, enquanto 74% concordaram totalmente e 20% concordaram em maior grau. Esses resultados corroboram o MTUR e a ABETA (2010), que enfatizam o prazer catártico proporcionado por atividades de aventura e ecoturismo: “A viagem dá a sensação de liberdade: ser livre é não precisar decidir” (p. 86).

Por fim, ao descreverem suas sensações ao retornar às suas residências, os turistas destacaram sentimentos predominantemente positivos, como bem-estar, leveza, calma e felicidade.

Apesar do eventual cansaço físico, muitos relataram sentir-se mentalmente revigorados e ansiosos por novas visitas a ambientes naturais. Essas respostas evidenciam o impacto restaurador das UCs, reforçando sua importância como destinos turísticos e espaços de lazer.

Figura 3: Emoções, sentimentos e sensações após visitação às UCs.



Fonte: Dados de pesquisa, elaborado pelos autores (2023).

Após esta perspectiva de demonstração de sentimentos, desejos, emoções e até espiritualidade nas UCs, a seção 5 apresentou a descrição feita por Edward Wilson em 1984 (professor da Universidade de Harvard) referente a hipótese da biofilia, onde o ser humano apresenta necessidades essenciais de contato com a natureza em razão de uma necessidade biológica, visto que nossa composição genética se estruturou em função de convivência com ambientes naturais e não em ambientes artificiais/urbanos. Silva-Melo, Melo e Guedes, (2020), observam que nem sempre o laço genético é o suficiente, requerendo um aprendizado cultural e vivências relacionadas com a natureza para a otimização dessa hipótese/tendência.

A primeira questão da quinta seção tinha como objetivo identificar se a rotina de trabalho urbano faz sentir um maior desejo em estar/frequentar ambientes naturais, para 15% há indiferença e discordâncias em relação há proposta, enquanto 55% e 30% concordam totalmente e em maior grau, respectivamente. Em seguida, buscou-se identificar como a pandemia e o distanciamento fizeram com que os respondentes valorizassem mais a vida/natureza. A somatória daqueles que concordavam na totalidade e em maior grau é expressiva, resultando em 89% dos participantes, 10% demonstraram-se indiferentes e 01% discordam da ideia.

Para identificar como os respondentes avaliam (ou como se caracterizam) os benefícios das UCs, elaborou-se a tabela 01, que utiliza uma estratégia de notação média para as afirmações

categoricas visando ofertar uma avaliação e percepção mais sintética das respostas desta seção, proporcionando a compreensão visualmente instantânea acerca do comportamento dos respondentes para cada uma das questões escalares inseridas no websurvey, sendo tal procedimento alicerçado na teoria de Norman (2010).

O procedimento adotado foi: as respostas foram marcadas em uma escala de 1 a 5 pontos, com as seguintes correspondências: 1 = discordo totalmente/nenhuma; 2 = discordo em maior grau/baixa; 3 = indiferente/intermediário; 4 = concordo em maior grau/alto e 5 = concordo totalmente/muito alto. Para se obter a notação multiplicou-se o valor absoluto atribuído a cada ponto da escala pelo número de respondentes do item da questão e, posteriormente, procedeu-se à soma dos valores de cada ponto da escala, seguida pela divisão do total de participantes, resultando na notação. As opções que apresentavam maior valor denotavam maior expressividade no aspecto a que se referiam.

A tabela 01 apresenta a porcentagem de respondentes por escala em cada questão e a notação respectiva, por exemplo, sobre as visitas aprimorarem os sentidos evidencia que 44% concordam totalmente com a afirmação, isso significa que, para a mesma questão, a notação média é de 4,07, pois encontra-se entre uma concordância de maior grau - que seria equivalente a 4 - e uma plena concordância - que seria o equivalente a 5. A tabela está organizada de forma decrescente, onde o benefício com maior notação é elencado primeiro.

Tabela 1: As UCs e os benefícios das visitas.

Benefícios das UCs para as pessoas	Discordo totalmente (x1)	Discordo em maior grau (x2)	Indiferente (x3)	Concordo em maior grau (x4)	Concordo totalmente (x5)	Notação
Bem-estar físico e emocional	4%	7%	2%	17%	70%	4,413
Suaviza a tensão do cotidiano	5%	4%	7%	13%	71%	4,388
Propicia felicidade	4%	8%	2%	17%	69%	4,372
Estimula atitudes sustentáveis	5%	6%	5%	18%	66%	4,347
Integração/interação pessoas & biodiversidade	5%	6%	6%	19%	64%	4,322
Desperta a serenidade	4%	7%	9%	18%	62%	4,281
Desperta a identidade afetiva com a biodiversidade	5%	7%	7%	26%	55%	4,174
Antídoto contra a intoxicação digital	7%	6%	10%	20%	58%	4,165
Múltiplos aprendizados	5%	6%	8%	31%	50%	4,149
Favorece a Vitamina N de Natureza	7%	8%	8%	17%	60%	4,124
Reforça a espiritualidade	5%	7%	14%	18%	56%	4,140
Funciona como medicamento sem contraindicação	7%	7%	7%	21%	57%	4,116
Aprimora o desenvolvimento cognitivo	3%	7%	12%	34%	45%	4,099

Ameniza os transtornos de déficit de natureza	6%	5%	16%	21%	53%	4,099
Aprimora os sentidos	3%	7%	13%	33%	44%	4,074
Fomenta a criatividade e autoconfiança	2%	9%	16%	26%	47%	4,058
Fortalece os laços familiares e/ou de amizade	4%	7%	15%	26%	48%	4,058
Melhora as relações sociais	3%	7%	17%	30%	43%	4,025
Encoraja na resolução de problemas	5%	7%	19%	22%	47%	4,000
Estimula conduta de valores	4%	8%	21%	21%	45%	3,959
Melhora a coordenação motora	7%	6%	20%	22%	45%	3,942
Estimula o ócio criativo e mitiga o ócio alienante	7%	7%	19%	31%	36%	3,826

Fonte: Dados de pesquisa, elaborado pelos autores (2023).

É perceptível, por meio das notações designadas, que os respondentes concordam em maior grau ou totalmente com as os benefícios das UCs para as pessoas propostos e trazidos no websurvey, isso é notório pois mais de dois terços das medidas obtiveram notação superior a 4 designando alta concordância, o que reafirma que as UCs “são áreas-chave para a contemplação da vida silvestre, lazer e recreação em contato com a natureza, além de serem espaços para atividades de Educação Ambiental que aproximam as pessoas da natureza” (Silva-Melo; Melo; Guedes, 2020, p. 353).

Por fim, considerou-se pertinente deixar um espaço livre para comentários, sem a obrigatoriedade de resposta, onde o respondente poderia compartilhar, caso desejasse, um depoimento ou mesmo alguma experiência que presenciou ou tenha conhecimento acerca da relação entre a Covid-19 e o turismo, assim como suas perspectivas em relação ao futuro das viagens e turismo após a pandemia. O quadro 2 apresenta alguns fragmentos dos depoimentos dos respondentes.

Quadro 2: Comentários gerais sobre a pesquisa.

Tive uma mudança muito grande no estilo e nos rumos da vida, por isso uma comparação pré e pós pandemia é muito complicada, pois junto com a pandemia, tudo mudou. Cidade, escolaridade, estado civil, trabalho, lazer.
Acredito que a percepção de lazer e turismo tome maiores proporções no cotidiano das pessoas e o deslocamento tende, pelo menos no início, a ser por menores distâncias.
A presença do Covid-19 dificultou a prática do turismo, mas ao mesmo tempo despertou interesse em muitas pessoas.
Muitas pessoas tiveram problemas com ansiedade e depressão pelo fato do isolamento social, a procura por viagens será uma forma de fugir da rotina, muitas pessoas irão buscar o contato com familiares distante em busca de aproximação, portanto a tendência do turismo é aumentar cada vez mais.
Já é realidade que a nova tendência de turismo são os destinos nacionais, um turismo feito a partir do próprio automóvel, de contato com a natureza e com diversos protocolos de saúde novos que na verdade, já deveriam ser utilizados desde sempre e também com novas tecnologias que possibilitarão um maior conforto ao todo, seja ele no check-in do aeroporto via smartphone, acesso de cardápio através do QR CODE e afins.
Vou para o litoral quase todo final de semana, mas abortei uma expedição para a Amazônia, não me senti segura. Ficar horas trancada em um avião, com dezenas de pessoas, nem pensar. Mesma coisa para vans, mesmo que seja com conhecidos. Acredito que levará alguns anos até as pessoas se sentirem seguras novamente.

<p>Voltar ao convívio com a Natureza sem medo de contaminação e sem máscara para poder sentir os cheiros da Mãe Terra é um grande anseio.</p>
<p>As montanhas estão lotadas de pessoas e isto causa uma degradação aos ambientes naturais. Não há fiscalização de quantidade de público ultrapassando a capacidade de carga das UCs. Nem ao menos uma orientação a todos que agora descobriram as montanhas como refúgio, porém, agem como se estivessem na cidade. Som alto, lixo, etc. sem falar dos custos dos resgates tanto para os bombeiros helicópteros etc, quanto para a sociedade.</p>
<p>Na questão anterior marquei diversas alternativas na opção indiferente não pela minha relação que mantenho de turista em UC, mas sobretudo pela observação de como outras pessoas se comportam nestes ambientes. Muitos turistas adotam o comportamento urbano nestas UCs. É como fosse a extensão da vida urbana em um ambiente natural. Vivencia a experiência como uma espécie de passeio a um parque urbano.</p>
<p>Acredito que já é relevante a procura pelo Ecoturismo. Eu, inclusive, comecei a fazer trilhas e ter mais contato com a natureza, durante a pandemia.</p>
<p>A pandemia fez com que nos enxergássemos, nossas fraquezas, deficiência e com isso despertou a vontade de sair desse sentimento e principalmente do lugar onde estamos. De voltar a lugares que já conhecemos e conhecer novos. Mas o cuidado se faz necessário, pois precisamos nos sentir seguros para aproveitar o lugar, a companhia, a energia.</p>
<p>Acho que ainda teremos um período de recuperação da economia, já se percebe que cidades que adotaram mais períodos de lockdown estão tendo ainda mais problemas econômicos, pequenos comerciantes sofrem muito. Mas há sim a tendência da retomada. E a economia já dá sinais positivos. Só precisamos confiar e seguir adiante.</p>
<p>A pandemia afetou imensamente o turismo. Eu, particularmente, viajava para diversas cachoeiras aqui no estado do Paraná e durante a pandemia isso não foi possível. No meu caso foi pelo aumento de cuidado para evitar contato social. Para inúmeras pessoas, além desse fator, tem a questão financeira, que também afetou negativamente o turismo. Acredito que após pandemia, quem estiver estabilizado financeiramente voltara a viajar e, talvez, valorizando mais a vida. Porém, muitos demorarão mais tempo para se estabilizar, tendo em vista a situação econômica dos países. Isso fara com que estes priorizem o essencial. Ademais, muitos demoraram para ter coragem de interagir socialmente. Imagino que "um novo normal" está sendo estabelecido.</p>

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Foram realizados 24 comentários, os excluídos refletiam informações genéricas ou eram destinados apenas para felicitações pela pesquisa, ou ainda não se relacionavam diretamente ao objetivo proposto e apresentado na introdução deste trabalho. Entretanto, os comentários trazidos no Quadro 2 e demais tabelas dos resultados da pesquisa mostram que teve efeitos diversos, coletivos e individuais da pandemia de Covid-19 na visitação e/ou interesse de visitação em UCs por parte dos respondentes.

A perspectiva dos turistas frente ao desejo de estar em ambientes naturais, nota-se pelos resultados apresentados que há a compreensão ou atribuição de um carácter terapêutico ou regenerativo dos ambientes naturais. Com a rotina do cotidiano laboral urbano, as mais variadas obrigações e deveres individuais e coletivos, as particularidades relacionadas ao indivíduo, às residências e às famílias dos respondentes, mais os agravamentos da pandemia, evidenciam que se distanciar, se desconectar, mesmo que por breves momentos, da “realidade”, a vida pode ser mais aproveitada, seja praticando ócio, lazer e/ou outras atividades em meio à natureza.

3 Considerações Finais

Os efeitos da pandemia de Covid-19 na perspectiva dos turistas que frequentam Unidades de Conservação no Paraná foram diversos. Embora o fechamento temporário das UCs tenha sido um dos impactos mais evidentes durante a crise sanitária, outros fatores também influenciaram a visitação. O receio de sair de casa, mesmo seguindo as orientações dos órgãos de saúde e frequentando ambientes abertos e naturais, foi um dos principais limitadores. Adicionalmente, preocupações relacionadas às alterações na ocupação/trabalho, à redução da renda e às dificuldades em atividades de rotina criaram barreiras significativas para as viagens. Nesse contexto, a prioridade de grande parte da sociedade foi garantir a própria sobrevivência e a segurança de suas famílias, o que tornou a manutenção do emprego e da renda um elemento crucial.

Diante dos desdobramentos da pandemia, como o surgimento de novas variantes, torna-se fundamental a continuidade das pesquisas científicas nas áreas das ciências naturais e das ciências sociais aplicadas. É essencial produzir conhecimentos que abordem as situações enfrentadas pelo país e pelo mundo, sempre com o foco na preservação da vida e do bem-estar coletivo. Além disso, destaca-se a necessidade de fomentar o desenvolvimento do campo científico brasileiro, promovendo práticas contínuas de incentivo à pesquisa.

O estudo apresentado, embora de caráter não probabilístico, evidencia a relevância de expandir a investigação para incluir metodologias que utilizem estratégias dessa natureza. Recomenda-se, também, integrar abordagens interdisciplinares, envolvendo especialistas de áreas como psicologia e geografia das emoções, para ampliar a compreensão do impacto da pandemia na visitação às UCs.

Os desafios, especificidades e limitações comuns à pesquisa em Turismo no Brasil foram amplificados nesta investigação pelas circunstâncias particulares da pandemia, que exigiram a adoção de protocolos diferenciados para a coleta de informações. Ainda que a relação entre turismo e epidemias seja um tema amplamente abordado na literatura especializada, a crise sanitária provocada pela Covid-19 apresentou proporções inéditas, cujos efeitos ainda carecem de uma compreensão mais aprofundada. Por isso, a realização de novos estudos que integrem perspectivas interdisciplinares é pertinente, visando oferecer uma análise mais precisa e abrangente do tema.

Apesar dessas limitações, os resultados deste estudo contribuem significativamente para o avanço do conhecimento científico. A pesquisa buscou explorar a interface entre a pandemia de Covid-19 e o caráter terapêutico atribuído à visitação às UCs, um recorte ainda pouco investigado.

Acredita-se que esse enfoque tenha conferido um estatuto de singularidade ao trabalho, ao abordar um tema relevante e atual.

Por fim, conclui-se que os espaços naturais desempenham um papel de extrema relevância na saúde mental da sociedade, permitindo a (re)conexão dos indivíduos com a natureza. E, Embora seja reconhecido que períodos pós-epidemias são frequentemente marcados por crises e conflitos de grande magnitude, fragilizando a crença em um aprimoramento ético da humanidade, permanece a esperança de que o contato com a natureza, proporcionado pelo turismo em UCs, possa sensibilizar os visitantes, especialmente no que diz respeito ao cuidado e preservação do meio ambiente.

Referências

ALMEIDA, A. L. M. M. **Percepção do Ecoturismo:** o caso dos estudantes de Turismo do IPP. Dissertação de Mestrado. Orientação: Prof.^a Teresa Dieguez Instituto Politecnico do Porto (Portugal). 2019.

ALMEIDA, W. DA S.; SZWARCOWALD, C. L.; MALTA, D. C.; BARROS, M. B. A.; JÚNIOR, P. R. B. S.; AZEVEDO, L. O.; ROMERO, D.; LIMA, M. G.; DAMACENA, G. N.; MACHADO, I. E.; GOMES, C. S.; PINA, M. F.; GRACIE, R.; WERNECK, A. O.; SILVA, D. R. P. Mudanças nas condições socioeconômicas e de saúde dos brasileiros durante a pandemia de COVID-19. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 23, 2020.

SILVA, M.; MARCÍLIO, B. Espaços e Emoções: reflexões para entender a experiência do isolamento social na pandemia da COVID-19. **Revista Ensaios de Geografia**, Niterói, v. 5, n. 10, p. 68-74, 2020.

BAHL, M. Pandemias e Turismo. Em: BAH, M. (Ed.). **Fatores ponderáveis no turismo:** sociais, culturais e políticos. Curitiba: Prottexto, 2004. p. 17–20.

BECKER, D.; SOLÉ, D.; TING, E.; EISENSTEIN, E.; MARTINS FILHO, J.; FLEURY, L.; ...; WEFFORT, V. **Benefícios da Natureza no Desenvolvimento de Crianças e Adolescentes.** Manual de Orientação. São Paulo: Instituto Alana e Sociedade Brasileira de Pediatria, 2019.

BHALLA, R.; CHOWDHARY, N.; RANJAN, A. Spiritual tourism for psychotherapeutic healing post COVID-19. *Journal of Travel & Tourism Marketing*, v. 38, n. 8, p. 769-781, 2021.

BRASIL, M. DO T. O impacto da pandemia de COVID-19 nos setores de Turismo e Cultura do Brasil. **Revista Dados e Informações do Turismo no Brasil**, p. 1–115, 2021.

BRÜGGER, A.; KAISER, F. G.; ROCZEN, N. One for all?. **European Psychologist**, 2011.

COELHO, M. DE F.; MAYER, V. F. Gestão de serviços pós-covid: o que se pode aprender com o setor de turismo e viagens? **Gestão e Sociedade**, v. 14, n. 39, p. 3698–3706, 1 jun. 2020.

COOPER, M.; BUCKLEY, R. Tourist mental health drives destination choice, marketing, and matching. **Journal of Travel Research**, v. 61, n. 4, p. 786-799, 2022.

CORBARI, S. D.; GRIMM, I. J. A pandemia de covid-19 e os impactos no setor do turismo em Curitiba (PR): uma análise preliminar. **Ateliê do Turismo**, v. 4, n. 2, p. 1-26, 1 nov. 2020.

CURTIN, S. Wildlife tourism: The intangible, psychological benefits of human-wildlife encounters. **Current Issues in Tourism**, v. 12, n. 5-6, p. 451-474, 2009.

ENUMO, S. R. F.; WEIDE, J. N.; VICENTINI, E. C. C.; ARAUJO, M. F. D.; MACHADO, W. D. L. Enfrentando o estresse em tempos de pandemia: proposição de uma cartilha. **Estudos de Psicologia** (Campinas), v. 37, p. e200065, 2020.

FLICK, U. **Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes**. São Paulo: Penso Editora, 2013.

VILANI, R. M.; PENA, R. C.; SIMÕES, B. F. T. Ecoturismo no Pós-COVID-19 no Parque Nacional da Tijuca e Parque Estadual da Pedra Branca. **Revista Brasileira de Ecoturismo (RBEcotur)**, v. 13, n. 4, 2020.

FURLANETTO, B. H. Geografia e Emoções. Pessoas e Lugares: Sentidos, Sentimentos e Emoções. **Revista Geografar**, v. 9, n. 1, p. 200, 30 jun. 2014.

GRISI, B. S. D. S.; SANTANA, C. S. C. DE M. Effects of the covid-19 pandemic on the mental health of hotel housekeeping staff. **Applied Tourism**, v. 8, n. 1, p. 53-62, 5 maio 2023.

HINDS, J.; SPARKS, P. Engaging with the natural environment: The role of affective connection and identity. **Journal of Environmental Psychology**, v. 28, n. 2, p. 109-120, 1 jun. 2008.

ICMBIO, I. C. M. DE C. DA B. **ICMBio contabiliza mais de 8 milhões de visitas às unidades de conservação em 2020** — Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. Disponível em: <<https://www.gov.br/icmbio/pt-br/assuntos/noticias/ultimas-noticias/icmbio-contabiliza-mais-de-8-milhoes-de-visitas-as-unidades-de-conservacao-em-2020>>. Acesso em: 18 maio. 2023.

JONCEW, C. C.; CENDON, B. V.; AMENO, N. Websurveys como método de pesquisa. **Informação e Informação**, v. 19, n. 3, p. 192, 16 dez. 2014.

KENIGER, L. E.; GASTON, K. J.; IRVINE, K. N.; FULLER, R. A. What are the benefits of interacting with nature? **International journal of environmental research and public health**, v. 10, n. 3, p. 913-935, 2013.

LOUV, R. **Vitamin N: the essential guide to a nature-rich life**. [s.l.] Atlantic Books, 2016a.

LOUV, R. **A última criança na natureza: resgatando nossas crianças do transtorno do déficit de natureza**. São Paulo: Aquariana, 2016b.

LOUV, R. **The nature principle: human restoration and the end of nature-deficit disorder.** [s.l.] Algonquin Books of Chapel Hill, 2011.

MACHADO, F. **Proposição de Práticas Sustentáveis para Turismo No Contexto Da Agricultura Familiar.** Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso Superior de Tecnologia em Gestão Ambiental, do Instituto Federal de Santa Catarina, Câmpus Garopaba sob a orientação da Profa. Micheline Sartori e co-orientação da Profa. Fabiana Agapito Kangerski., 2019.

MAYER, V. F.; COELHO, M. F. Sonhos interrompidos: memórias e emoções de experiências de viagem durante a propagação da Covid-19. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 15, p. 2192, 2021.

MEDAGLIA, J.; SILVEIRA, C. Reflexões sobre a atuação profissional dos turismólogos e o planejamento do turismo: pesquisa com os egressos dos Cursos de Turismo de Curitiba, Paraná, Brasil. **Turismo & Sociedade**, v. 3, n. 2, p. 123-146, 2010.

MINISTÉRIO DO TURISMO, M.; ABETA, A. **Perfil do turista de aventura e do ecoturista no Brasil.** 1. ed. [s.l.: s.n.]. v. 1

MOGHADAM, D. M.; SINGH, H. J.; YAHYA, W. R. W. A brief discussion on human/nature relationship. **International Journal of Humanities and Social Science**, v. 5, n. 6, p. 90-93, 2015.

MOREIRA, R. J. D. DE C. **O Uso Público do Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira (SP) Durante a Pandemia: Relatos De Experiências de (Re)conexão Sociedade-natureza.** Monografia apresentada para compor a avaliação final do Curso de Graduação em Turismo da Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Turismo Orientadora: Prof Dra. Suzana Fernandes de Paula, 2021.

NEVES, C. S. B.; CARVALHO, I. D. S.; SOUZA, W. F. L.; FILIPPIM, M. L. Os impactos da COVID-19 nas viagens de turistas brasileiros: conjuntura e perspectivas na eclosão e na expansão da pandemia no Brasil. **Turismo - Visão e Ação**, v. 23, n. 1, p. 2–25, 25 fev. 2021.

NORMAN, G. Likert scales, levels of measurement and the “laws” of statistics. **Advances in Health Sciences Education**, v. 15, n. 5, p. 625–632, 10 dez. 2010.

OPAS, O. P.-A. DA S. **OMS declara fim da Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional referente à COVID-19.** Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/noticias/5-5-2023-oms-declara-fim-da-emergencia-saude-publica-importancia-internacional-referente>>. Acesso em: 16 maio. 2023.

PHILIPPI JUNIOR, A.; RUSCHMANN, D. V. D. M. **Gestão ambiental e sustentabilidade no turismo.** Barueri: Manole, 2010.

RICHARDSON, M.; SHEFFIELD, D. Three good things in nature: Noticing nearby nature brings sustained increases in connection with nature/Tres cosas buenas de la naturaleza: Prestar atención a la naturaleza cercana produce incrementos prolongados en conexión con la naturaleza.

Psychology, v. 8, n. 1, p. 1-32, 2017.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

SILVA-MELO, M. R. DA; MELO, G. A. P. DE; GUEDES, N. M. R. Unidades de Conservação: uma reconexão com a natureza, pós COVID-19. **Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA)**, v. 15, n. 4, p. 347–360, 3 ago. 2020.

SOARES, J. R. R.; GABRIEL, L. P. M. C.; ROMO, R. S. **Impacto do Covid-19 no Comportamento do Turista Brasileiro**. 1. ed. Fortaleza: EdUECE, 2020. v. 1

SZWARCWALD, C. L.; JÚNIOR, P. R. B. S.; MALTA, D. C.; BARROS, M. A. F. M.; MAGALHÃES, M. A. F. M.; XAVIER, D. R.; SALDANHA, R. F.; DAMACENA, G. N.; AZEVEDO, L. O.; LIMA, M. G.; ROMERO, D.; MACHADO, I. E.; GOMES, C. S.; WERNECK, A. O.; SILVA, D. R. P.; GRACIE, R.; PINA, M. F. Adesão às medidas de restrição de contato físico e disseminação da COVID-19 no Brasil. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 29, n. 5, p. e2020432, 2020.

UNWTO. **UNWTO World Tourism Barometer and Statistical Annex, January 2020**. UNWTO World Tourism Barometer, v. 18, n. 1, p. 1–48, 23 jan. 2020a.

UNWTO. **UNWTO World Tourism Barometer May 2020 Special focus on the Impact of COVID-19 (Summary)**. UNWTO World Tourism Barometer May 2020 Special focus on the Impact of COVID-19 (Summary), 22 maio 2020b.

VEAL, A. J. **Metodologia de Pesquisa em Lazer e Turismo**. 1. ed. São Paulo: Aleph, 2011. v. 1

VERNALHA, M. C. R.; NEIMAN, Z. Potencial turístico do Brasil. Em: **Turismo e meio ambiente no Brasil**. Barueri/SP: Manole, p. 280-303, 2010.

VIEIRA, K.; LUIZ KLEIN, L.; ANGEL BRESSAN, A.; DINIZ PEREIRA, B. A.; SILVA MARZZONI, D. N.; BATISTA ROSA GUASCH, F. S. Loss of Financial Well-Being in the Covid-19 Pandemic: first evidences from a Websurvey. **Saúde e Pesquisa**, v. 14, n. 4, 2021.

WHO, W. H. O. **WHO Director-General’s opening remarks at the media briefing – 5 May 2023**. Disponível em: <<https://www.who.int/news-room/speeches/item/who-director-general-s-opening-remarks-at-the-media-briefing---5-may-2023>>. Acesso em: 18 maio. 2023.